

Apresentação ao dossiê

Autor
convidado

Alexandre de Sá Avelar

alexandre.avelar@uol.com.br
Professor do Instituto de História
Universidade Federal de Uberlândia

8

A biografia histórica entrou em moda. Os historiadores, após negligenciarem por um longo tempo a relevância deste gênero, finalmente admitem que trajetórias individuais possam ser objetos legítimos de suas investigações e abordagens. A biografia insere-se no movimento de uma significativa renovação das práticas historiográficas, mais atentas às dimensões subjetivas dos processos sociais, e os seus usos têm se expandido para todos os campos das Humanidades, o que permitiria falarmos em um *boom* biográfico.

Afirmações como as feitas acima já se tornaram sentidos comuns e, de fato, revelam alguns movimentos geracionais significativos da historiografia recente. Escrever biografias não se associa mais ao criticado “ídolo individual” e tampouco se mostra uma tarefa exclusiva de edificação canônica de grandes homens e personagens, cujas magnitudes expressavam virtudes que deveriam ser transmitidas ao presente e ao futuro. De modo simétrico, as vidas não são mais estudadas de modo linear, como uma linha reta que vai da infância à vida adulta, em que as manifestações mais remotas desdobram-se nos traços da maturidade ou, em outras palavras, os historiadores não são mais ingênuos a ponto de acreditarem na propalada “ilusão biográfica”, tão veementemente denunciada por Bourdieu e que se estabilizou como uma espécie de “lição número um” do que não fazer em uma biografia.

A alusão a um retorno da biografia histórica deveria ser relativizada, a meu ver, sob dois aspectos. Em primeiro lugar, caberia a dúvida acerca da possibilidade de alguma biografia não ser, em alguma medida, histórica. Se o discurso historiográfico for compreendido como a trama enredada entre acontecimentos do passado, bem como a produção de sentidos para eles, o gênero biográfico poderia ser diferente dos procedimentos usuais de escrita da história? A biografia seria algo além da produção de narrativas sobre as relações entre os indivíduos e os sistemas

normativos historicamente constituídos? Ela não requereria ainda os mesmos procedimentos metódicos dos historiadores?

Em segundo lugar, o que está em jogo neste aclamado retorno do biográfico é a retomada da biografia como exercício de historiadores de ofício. Em um sentido mais amplo, escrever a vida sempre significou um dos mais estimulantes desafios à compreensão do outro e a aposta biográfica acompanhou sucessivas gerações, interessadas em perscrutar os caminhos da existência de personagens ilustres, de figuras emblemáticas ou mesmo de homens comuns que, em algum momento, pareceram desafiar os valores de suas épocas. A biografia, muito antes dos olhos atentos dos historiadores da atualidade, já despertava interesse em um público amplo que, por adoração moral ou simples interesse de *voyeur*, nunca deixou de consumir relatos sobre vidas.

Há uma extensa bibliografia que, com diferentes nuances e matizes, recompôs a fortuna historiográfica da biografia, sinalizando suas tendências mais contemporâneas, chamando a atenção para a variedade dos personagens biografados, para as tensões entre as ações individuais e as lógicas sociais ou, ainda, para as possibilidades de acessarmos o passado através da vida de um sujeito. Gostaria de chamar atenção para os títulos de três referências das mais citadas e comentadas entre nós. Trata-se de *O desafio biográfico*, livro de François Dosse (2009) e os artigos *A biografia como problema* (1998), e *a biografia como problema historiográfico* (2010), de Sabina Loriga e Jacques Revel, respectivamente. Se admitirmos que os títulos revelam algum grau de autoconsciência, podemos concluir que, para estes autores, a legitimidade do gênero biográfico na atualidade parece sempre estar acompanhada de incertezas e desconfiâncias, expressas nos termos “desafio” ou “problema”. O estudo de trajetórias singulares, deste modo, se caracteriza pela incessante reafirmação de suas virtudes e importância, como se esta recorrente ênfase fosse necessária para afastar os olhares ainda reticentes dos historiadores.

Um esboço que servisse a alguma resposta para essas incertezas certamente incluiria um olhar histórico sobre as relações entre biografia e história. Essa visão panorâmica revelaria que os dois gêneros estiveram mais em posições antagônicas do que em convergência. Poderíamos remontar aos gregos e lembrarmos que a escrita biográfica e a escrita da história estavam submetidas a distintos regimes de verdade. São bem conhecidas as palavras de Plutarco, quando no prefácio de “*Vidas de Alexandre*”, parte de sua conhecida *Vidas paralelas*, afirmava que “não escrevemos histórias, mas vidas”. Ao contrário dos historiadores, não era dever dos biógrafos a exatidão documental, a clareza do detalhe ou a precisão empírica. Sua escritura deveria se concentrar na produção de narrativas exemplares – mesmo desafiando as evidências – que pudessem instruir os homens do presente. Esta função pedagógica se estenderia ao longo do período medieval, no qual as hagiografias são exemplos concretos. No século XIX, conceitos coletivos como

classe, estado, nação ou raça pareciam seduzir mais os historiadores – às voltas com a transformação do seu ofício em atividade disciplinar e científica – do que as “mundanidades” típicas dos biógrafos. A força da história social em nossa época tenderia a privilegiar os movimentos conjunturais e estruturais do processo histórico, mais capazes de revelar as forças profundas que explicam as ações humanas. Como se vê, a reconciliação da história disciplinar com a biografia é um projeto intelectual recente.

Se as tensas e ambíguas relações entre história e biografia poderiam oferecer um vislumbre geral acerca das razões dos incômodos revelados por Dosse, Loriga e Revel, uma aproximação mais molecular ao nosso campo revelaria outro conjunto de questões. Os problemas e desafios da biografia não estão deslocados de uma percepção mais ampla de crise e transformação do conhecimento histórico disciplinar. Assim, a desconfiança em relação aos estruturalismos de todo tipo redimensionou o papel da agência humana, ao mesmo tempo em que os historiadores demonstravam uma crença cada vez menor em um modo de escrita realista que representaria, com poucas mediações, o que efetivamente aconteceu no passado. A biografia, situada epistemologicamente entre suas ambições de verdade e seu caráter inventivo e com sua aposta no papel do indivíduo, arrastaria para si todas as dúvidas epistemológicas que a história portava. O desafio de reflexão sobre a escrita biográfica é também um exercício de aproximação em relação a alguns dos debates mais recentes do campo historiográfico

10

Como as gerações anteriores, a nossa continua realizando a aposta biográfica, com o envolvimento cada vez mais ativo dos historiadores, já menos temerosos em admitir que o seu ofício não se esgota na pesquisa documental rigorosa, mas adquire sentidos e significados por meio de uma escrita destinada a organizar o passado. A biografia, não obstante sua difícil classificação e sua transitoriedade entre campos e seus usos variados, tem estimulado, tanto entre nós como no exterior, um volumoso conjunto de trabalhos e reflexões, bem como eventos, teses, dissertações e números especiais de revistas acadêmicas.

Os textos reunidos neste dossiê constituem um índice seguro da vitalidade da biografia como objeto de investigação historiográfica, evidenciando uma impressionante variedade de sujeitos, abordagens e horizontes de análise. Se a tonalidade “problemática” ou “desafiante” do gênero talvez seja uma questão incontornável, a escrita biográfica tem cada vez mais alertado o historiador para a ambivalência de sua disciplina, forçosamente tensionada entre suas pretensões de verdade e o polo imaginativo que subsiste em toda narrativa do passado. Seguimos narrando e lendo vidas, na expectativa – vã? – de compreendermos a nós mesmos e aos outros.

Boa leitura!

Referências Bibliográficas

- ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporánea*. Buenos Aires: Fondo de Cultura, 2010.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009.
- LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998, p.225-249.
- REVEL, Jacques. A biografia como problema historiográfico. In: *História e historiografia: exercícios críticos*. Curitiba: Editora da UFPR, 2010, p.235-248.
- SANDOICA, Elena Hernández. “La escritura biográfica”. *Cercles: Revista D’Història Cultural*. Barcelona, n.10, p.10-25, 2007.